



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

PARKOUR E VALORES MORAIS: “SER FORTE PARA SER ÚTIL”

ALESSANDRA VIEIRA FERNANDES

Campina Grande/PB, 2015

ALESSANDRA VIEIRA FERNANDES

PARKOUR E VALORES MORAIS: “SER FORTE PARA SER ÚTIL”

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Lilian Galvão.

Campina Grande/PB, 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”-
UFCG

V658p

Fernandes, Alessandra Vieira.

Parkour e valores morais: ser forte para ser útil / Alessandra Vieira
Fernandes. – 2015.

35f. il.: Color.

Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Prof^a. Lilian Kelly de Sousa Galvão, Dra.

1. Esporte. 2.Parkour . 3. Valores morais. 4. Desenvolvimento
moral. I Galvão, Lilian Kelly de Sousa. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9:796.4+17.022.1(813.3)

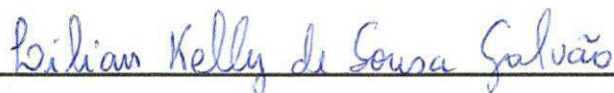
ALESSANDRA VIEIRA FERNANDES

PARKOUR E VALORES MORAIS: “SER FORTE PARA SER ÚTIL”

APROVADO EM: 12 de Março de 2015.

NOTA: 10,0 (dez)

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Lilian Kelly de Sousa Galvão (UFCG)

Orientadora



Prof. Dr. Anderson Scardua Oliveira (UFCG)

Examinador



Prof. Ms. Jeimison de Araújo Macieira (UEPB/UFPB)

Examinador

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Lilian Galvão, pelo compromisso, disponibilidade e destreza durante a produção deste estudo e como via de gratidão pelas oportunidades e ensinamentos ao longo do curso.

Ao corpo docente que integra o curso de Psicologia da UFCG pelas exigências e conhecimentos construídos no decorrer dessa trajetória.

A todos os praticantes de *Parkour* que contribuem para o desenvolvimento e fortalecimento dessa comunidade.

Ao *Parkour* Campina Grande pelo acolhimento, incentivo e lições edificantes. Particularmente à Eliene Soares pela responsabilidade com o desenvolvimento da prática local e pelos conhecimentos compartilhados e parceria acadêmica.

Ao meu grande amigo e companheiro de treino, Daniel Soares, pela colaboração com esse estudo; pela parceria assídua, otimismo e incentivo que contribuíram para o meu crescimento; e por me ensinar a transcender os obstáculos mentais que nos impedem a ousadia, a convicção e a liberdade.

Aos meus pais, Consolação Vieira e Alexandre Neto, por terem me concedido a vida, a moral e a ética; pela ternura e confiança; e, pelos sacrifícios e princípios que constituem meu caráter.

Ao meu irmão, Anderson Vieira, pela complacência e presença nas situações de adversidade, luta e êxito.

Aos meus primos e melhores amigos, Dayalla Fernandes, Iorrana Raiane, Lígia Emanuela, Henrique Fernandes, Nathália Fernandes e Nicolás Fernandes por compartilharem sonhos e conquistas, pela cumplicidade e momentos de amparo.

Às minhas amigas e colegas de curso, Edna Alexandre, Bruna Lira e Marília Gabriela pelos ilustres momentos de cumplicidade, cooperação e fidelidade. Construímos e realizamos metas, vencemos dificuldades e eternizamos nossos laços.

E, primordialmente, à Deus, por me transmitir a força e a luz que orientam minhas escolhas.

“O homem, se não quer deixar de ser homem, deve alimentar e recuperar valores perdidos ou dirigir-se a outros novos. Deve buscar nos hábitos cotidianos da sociedade o que de melhor pode extrair deles” (Cagigal, 1981).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	viii
Resumo, Abstract, Resumen.....	10
Introdução.....	11
Objetivo.....	17
Metodologia.....	17
Procedimento de coleta de dados.....	17
Análise de dados.....	18
Resultados e Discussão.....	18
1) Revisão sistemática da literatura acadêmica e científica.....	18
2) Revisão sistemática de jornais eletrônicos “populares”.....	19
3) Entrelaçando saberes.....	21
Considerações finais.....	30
Referências.....	31

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso será apresentado no modelo de artigo e está formatado de acordo com as instruções normativas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, publicada pela Associação Brasileira de Psicologia do Esporte.

***PARKOUR* E VALORES MORAIS: “SER FORTE PARA SER ÚTIL”**
PARKOUR AND MORAL VALUES: “BE STRONG TO BE HELPFUL”
PARKOUR Y VALORES MORALES: “SER FUERTE PARA SER ÚTIL”

Alessandra Vieira Fernandes
Universidade Federal de Campina Grande
alessandrafernandes.ale@gmail.com

Lilian Kelly de Sousa Galvão
Universidade Federal de Campina Grande
liliangalvao@yahoo.com.br

PARKOUR E VALORES MORAIS: “SER FORTE PARA SER ÚTIL”
PARKOUR AND MORAL VALUES: “BE STRONG TO BE HELPFUL”
PARKOUR Y VALORES MORALES: “SER FUERTE PARA SER ÚTIL”

Resumo

O esporte é reconhecido na literatura pertinente como um veículo para o desenvolvimento moral. O *Parkour* é uma prática esportiva não competitiva, baseada no espírito de comunidade e superação. Os instrumentos de informação, como estudos científicos e reportagens, são considerados como difusores de representações e valores morais. Este estudo objetiva apreender os discursos científicos e “populares” divulgados sobre o *Parkour*, priorizando a identificação de valores morais relacionados a essa prática esportiva. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura acadêmica científica e uma revisão sistemática de reportagens divulgadas em mídias “populares” através do descritor “*Parkour*”. Os resultados evidenciaram que características como companheirismo, respeito, altruísmo, integração social e responsabilidade estão presentes no *Parkour*; por outro lado, também sugeriram que seu processo de popularização tem facilitado a divulgação de uma imagem distorcida da prática, supervalorizando valores morais distantes daqueles preconizados pelos seus idealizadores.

Palavras-chave: Esporte; *Parkour*; Valores Morais; Desenvolvimento Moral.

Abstract

The sport is recognized in the literature as a vehicle for moral development. Parkour is a practice of non-competitive sport, based on the spirit of community and overcoming. The information tools, such as scientific studies and reports, are regarded as diffusers of representations and moral values. This study aims to seize the scientific discourses and "popular" released about the Parkour, prioritizing the identification of moral values related to this sport. Was performed a systematic review of scientific academic literature and a systematic review of articles published in media "popular" using the descriptor "Parkour". The results showed that characteristics such as companionship, respect, altruism, social integration and responsibility are present on Parkour; on the other hand, also suggested that the process of popularization of Parkour has facilitated the dissemination of a distorted image of their practice, overvaluing distant moral values from those recommended by their creators.

Keywords: Sport; Parkour; Moral Values; Moral Development.

Resumen

El deporte es reconocido en la literatura como un vehículo para el desarrollo moral. Parkour es una práctica deportiva no competitiva, basada en el espíritu de comunidad y superación. Las herramientas de información, tales como estudios e informes científicos, son considerados como difusores representaciones y valores morales. Este estudio tiene como objetivo conocer el discurso científico y "popular", divulgadas acerca del Parkour, dando prioridad a la identificación de los

valores morales relacionados con este deporte. Se realizó una revisión sistemática de la literatura académica científica y una revisión sistemática de los artículos publicados en los medios de comunicación "popular", mediante el descriptor "Parkour". Los resultados mostraron que características como el compañerismo, el respeto, el altruismo, la integración social y la responsabilidad están presentes en Parkour; por otra parte, también se sugirió que el proceso de popularización de Parkour ha facilitado la difusión de una imagen distorsionada de su práctica, sobrevalorar los valores morales distantes los recomendados por sus creadores.

Palabras clave: Deporte; Parkour; Valores Morales; Desarrollo Moral.

Introdução

Desde sua origem, o esporte é reconhecido como veículo para o desenvolvimento moral (Stovitz & Santin, 2004). A cooperação, o respeito, a responsabilidade, a solidariedade e o trabalho em equipe são valores que fazem parte do espírito esportivo, facilitam o raciocínio moral, agregam identidade, e, segundo Weinberg e Gould (2001), ao serem aprendidos pelos atletas, orientam comportamentos e escolhas.

O *Parkour*, enquanto esporte ou prática corporal, é uma atividade coletiva que prioriza a superação individual (Andrade & Cunha, 2009) e está enraizada em um conjunto de princípios associados a uma maneira particular de mover-se dentro do ambiente e de superar obstáculos físicos e mentais (Perrière & Belle, 2014). Esses princípios incluem, de acordo com Belle (2009), a busca pela melhora de si mesmo, o uso das habilidades desenvolvidas para ajudar os outros e o apropriar-se da prática como uma ferramenta para atribuir significados à própria vida.

Nos últimos anos, o *Parkour* tem se expandido de forma surpreendente, o que é atribuído ao compartilhamento de informações pela internet, em sites como o *YouTube*. Entretanto, apesar de sua popularização, o *Parkour* ainda sofre preconceito e discriminação oriundos de imagens distorcidas da prática (Amell & Tanim, 2012b).

Os veículos de informação, como estudos acadêmicos científicos e reportagens, possuem uma função primordial na disseminação de valores. É neste sentido que se considera relevante apreender alguns discursos midiáticos divulgados sobre o *Parkour*, tendo como foco principal a identificação de valores morais relacionados à esta prática esportiva.

Inicialmente, julga-se pertinente esclarecer as relações possíveis de se estabelecer entre o esporte e os valores morais e qual a origem do *Parkour* e quais as suas principais características.

Desenvolvimento Moral

O desenvolvimento moral tem sido analisado na psicologia por intermédio de várias perspectivas, dentre as quais dar-se-á destaque neste trabalho à abordagem construtivista ou cognitivista, que compreende o desenvolvimento moral dentro de uma lógica interacionista (Dacosta et al., 2007).

Kohlberg e Piaget, considerados importantes estudiosos no campo da psicologia do desenvolvimento moral, concentraram-se na análise da dimensão racional da moralidade (Taille, 2010) e refletiram sobre a construção e o desenvolvimento de valores como a solidariedade, o respeito mútuo e a justiça.

Sobre a moral, esta pode ser definida como a maneira de se comportar, regulada pelo uso e pelo costume de cada cultura, cujo indivíduo deve se adequar (Fagundes, 2000). Os valores morais, por sua vez, podem ser compreendidos como regras de conduta que têm como base a consciência moral das pessoas ou de um grupo social, formado pelos costumes e tradições predominantes em um determinado meio cultural; são, portanto, reguladores do “comportamento humano, da reflexão sobre os valores da vida, da virtude e do vício, do direito e do dever, do bem e do mal” (Dacosta et al., 2007, p. 46).

Valores morais no Esporte

Desde a Antiga Grécia até a origem do esporte moderno, em meados do século XIX, a atividade esportiva tem sido considerada um importante elemento de veiculação de influências valorativas entre as pessoas. Para Stovitz e Santin (2004), o esporte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento moral, desde que não se limite ao trabalho exclusivo das aptidões físicas, mas que enfatize também o desenvolvimento das funções psicológicas (emocionais) e sociais (relacionais) dos praticantes (Sanmartín, 1998).

Os estudiosos que asseguram os benefícios do esporte no desenvolvimento moral afirmam acerca das habilidades sociais aprendidas pelos atletas nas diferentes modalidades esportivas, como a superação de obstáculos,

a cooperação com os companheiros, o desenvolvimento do autocontrole e a persistência diante da derrota (Weinberg & Gould, 2001). Particularmente Silva e Rubio (2003) consideram a prática esportiva um verdadeiro agente socializador (Silva & Rubio, 2003).

Dentre os benefícios sociais alcançados através do esporte, Bernaule (2012) e Trepát (2005) destacam o respeito ao outro, a cooperação, as relações sociais, o pertencimento ao grupo, o trabalho em equipe, a expressão de sentimentos, a responsabilidade social, a convivência, a luta por igualdade, o companheirismo, a justiça, a preocupação com os demais, a coesão grupal, a tolerância, a perseverança, a autodisciplina e a honestidade. Dacosta et al (2007) ressaltam as seguintes aprendizagens promovidas pela prática esportiva: o trabalhar em grupo, o encontrar respostas nos momentos difíceis, o aprender a decidir, o respeitar a diferença, o aceitar seu limite e o do outro, o sentir orgulho de representar o time, o aprender a ganhar e a perder. Estes autores também destacam que a prática esportiva propicia momentos de interação e diálogo entre praticantes e demais membros envolvidos, como treinadores.

Apesar de alguns autores certificarem que a atividade física e o esporte transmitem e geram valores relacionados com a atividade em si mesma, outros estudiosos, pelo contrário, acreditam que a atividade física e o esporte não são mais que simples veículos através dos quais se comunicam os valores dominantes da sociedade.

Particularmente Sanmartín (1998) distingue duas vertentes valorativas emergentes no cenário esportivo: na primeira, a prática desportiva é vista como um recurso facilitador de educação integral, de promoção da saúde, de contato com a natureza, de alívio do estresse, de busca de novas sensações e aventura e de momentos lúdicos; na segunda, o esporte é vinculado ao espetáculo e à perseguição constante da excelência e do mérito.

Na análise de Sanmartín (1998), a participação desportiva não pode ser considerada uma educação moral se não houver a disseminação, educação e o treinamento de valores e habilidades sociais. Em outras palavras, se não existir uma intencionalidade na educação dos valores morais, o esporte pode tanto desenvolver valores positivos, como a superação de si mesmo, o fortalecimento de um coletivo e a interação com o outro, como pode reforçar valores negativos

através do uso de métodos ilícitos em prol da busca incessante e desleal da vitória durante as competições (Hornich & Broto, 2013).

Origem e Desenvolvimento do *Parkour*

As raízes do *Parkour* retomam à mais de 100 anos com o hebertismo, criado por George Hébert (1875-1957), ex-naval, que viajou por todo o mundo e se inspirou no desenvolvimento físico e na habilidade dos povos indígenas da África para criar o seu método de treinamento (Soares, 2003). Presente na erupção vulcânica catastrófica de 1902 em St. Pierre (França), Hébert heroicamente coordenou a fuga e o resgate de cerca de 300 pessoas. Esta experiência reforçou sua crença de que a habilidade atlética deve combinar bravura e altruísmo (Australian Parkour Association, 2012) e contribuiu para o desenvolvimento do Método Natural de Educação Física, caracterizado pela síntese do físico e da moral baseado no ethos “*Etre fort pour être utile*” (ser forte para ser útil).

O bombeiro francês Raymond Belle aprendeu e praticou o Método Natural e transmitiu seus aprendizados para seu filho David Belle, que o adaptou para áreas urbanas, compartilhando essa nova maneira de ser e se mover com um grupo de amigos. Na época, o cenário encontrado foi crucial para o desenvolvimento do que, mais tarde, seria nomeado *Parkour*: um bairro suburbano afastado dos grandes centros, ambiente de exclusão e violência, saturado com delinquência e gangues e ausente de políticas públicas de esporte e lazer (Lordello, 2011), onde habitavam diferentes nacionalidades e pontos de vista religiosos (Angel, 2011).

Lordello (2011) distingue duas fases do *Parkour*. A primeira fase compreende a socialização do grupo de jovens parisienses que se divertiam durante a execução dos movimentos, sem atribuir um nome ao que estavam fazendo. A segunda, demarcada seis anos depois, em 1993, foi representada por uma sistematização e nomeação dos movimentos básicos.

Em 1995 surgiu a primeira tentativa de denominação dessa prática, a *Art du Déplacement* (arte do deslocamento). Após a primeira reportagem à televisão francesa foi criada a Associação *Yamakasi*. Em 1996, Belle vivencia um método de treinamento militar francês, o *Parcours du Combatant* (percurso dos

combatentes), e mudam o nome desta prática corporal para *Parkour*. A palavra *Parkour*, derivada do termo francês “*parcours*”, designa percurso, circuito, caminho ou rota. Aos praticantes foram atribuídos os termos *tracér* para o praticante do sexo masculino e *tracéuse* para a praticante do sexo feminino. Essa denominação advém do latim *tractiare* que significa aquele que realiza o percurso.

O *Parkour* pode ser definido como uma manifestação da cultura corporal, baseada nas capacidades físicas enraizadas em cada ser humano, que tem como objetivo as várias possibilidades de movimentação ou percursos através de técnicas próprias para superação de obstáculos em meio urbano e/ou rural apresentados pela realidade objetiva (Lordêllo, 2011; Perrière & Belle, 2014; Thibault, 2013). Trata-se de uma disciplina não competitiva, cuja finalidade é avançar em um percurso qualquer utilizando técnicas de deslocamento (Silva, 2012). Os praticantes devem adaptar-se a tudo que está ao seu redor, seja em uma floresta de árvores ou em um conjunto de edifícios (Perrière & Belle, 2014). Para os *tracers*, o *Parkour* não implica somente em uma prática física, mas também é considerado um estilo de vida, uma maneira de pensar e uma moldura através da qual se vê o mundo (Thief, 2013).

A maioria dos movimentos do *Parkour* é efetivada durante uma corrida. A diferença entre os *tracers* e os não-praticantes consiste na habilidade de eficiência de fuga numa situação adversa. A prática contempla uma habilidade psicológica fundamental conhecida por mentalização, que deriva três regras básicas para a realização do movimento: (1) Noção de espaço: o praticante identifica e conscientiza-se do ambiente ao seu redor, tornando-se apto a calcular a força, a velocidade e a intensidade que será necessária para a realização do movimento; (2) Estética: consiste na beleza do movimento, que, uma vez realizado com eficiência, torna-se bonito por natureza; (3) Finalização: permite o praticante concluir seu movimento sem lesões e danos ao corpo, contribuindo para a continuidade do percurso.

Os *vaults*, como são denominados os movimentos, são técnicas utilizadas para a transposição de obstáculos (Rehbein, 2013). Os possíveis movimentos e técnicas são ilimitados, mas não significa que não existem fundamentos para aprender: um nível de conhecimento teórico e prático torna-se indispensável

(Thibault, 2013). Alguns dos *vaults* serão ilustrados na Figura 1. Contudo, vale ressaltar que os nomes técnicos dos movimentos variam em função de cada país.



Figura 1: Ilustração de alguns *vaults* utilizados no *Parkour*.
(Fonte: Fotografias da primeira autora)

Depois da sistematização, atribuição de nomes aos principais movimentos, criação e registro do termo *Parkour*, esta prática corporal se popularizou e seus praticantes participaram, de forma cada vez mais frequente, de peças teatrais, vídeos na internet e programas de televisão (Lordêllo, 2011). Ao longo da década de 1990, as técnicas físicas e fundamentos filosóficos do *Parkour* se dissiparam pela Europa e Estados Unidos.

Com a finalidade de organizar e referenciar a disciplina, membros da primeira e da segunda geração do *Parkour* se uniram para constituir o *Parkour Generations*, caracterizada como a maior organização profissional de *Parkour* do mundo, que contempla praticantes de diversos países, os quais mediam ensino, consultoria conceitual e arquitetônica, demonstrações ao público, representações artísticas, trabalho de mídia e pesquisas acadêmicas sobre os efeitos sociais, culturais e físicos do *Parkour* (Parkour Generations, 2014). Essa organização deu

origem à instituição de qualificação *Art du Deplacement and Parkour Teaching* (ADAPT) para certificar instrutores de *Parkour* em todos os continentes. Esta certificação foi oficializada e criada mediante uma exigência do governo Britânico, tornando-a obrigatória para instrutores de *Parkour* da região (Lordêllo, 2011).

Desde seu surgimento, a mídia teve grande influência na exposição e difusão da disciplina, com a divulgação de informações tanto positivas quanto contraproducentes. Projetos como *Rush Hour* (documentário da BBC), *Jump London* (2003) e *Jump Britain* (2005), liderados por Sebástian Foucan, abriram novos públicos para o *Parkour* (Brown, 2007). Como em outras regiões, no Brasil o *Parkour* se popularizou através da internet em 2004, o primeiro grupo da modalidade era conhecido por *Le Parkour Brasil*, composto por jovens de São Paulo. Em razão de suas características e aparente radicalidade, a prática no Brasil causou certa polêmica e seus praticantes foram, frequentemente, confundidos como vândalos por utilizar diferentes ambientes urbanos de maneira não convencional (Stramandinoli, Remonte & Marchetti, 2012). Atualmente, devido sua disseminação, o país vive o aumento do número de praticantes, eventos e projetos sociais que introduzem o *Parkour* como veículo de socialização e cultura.

Objetivo

Apreender os discursos acadêmicos e “populares” divulgados sobre o *Parkour*, com o foco principal na identificação de valores morais.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico descritivo, com a análise da literatura acadêmica e de reportagens eletrônicas.

Procedimento de coleta de dados

1. Revisão sistemática da literatura acadêmica e científica

A revisão sistemática foi realizada no segundo semestre de 2014 nas bases de dados acessíveis no periódico CAPES, através do descritor "*Parkour*". Foram identificados 221 textos com publicações entre os anos de 2004 a 2014, no

formato de artigos científicos, artigos de jornal, resenhas e recursos textuais. Após avaliação de todos os resumos, foram selecionados para uma análise mais pormenorizada os textos que abordavam diretamente o tema “*Parkour*”. Dessa seleção permaneceram 20 artigos.

2. Revisão sistemática de jornais eletrônicos “populares”

A revisão sistemática foi realizada em agosto de 2014 em 59 jornais eletrônicos, sendo 54 estaduais (2 jornais por Estado) e 5 nacionais. Utilizou-se como palavra-chave o termo “*Parkour*”. Foram encontradas 69 reportagens publicadas no período de 2006 a 2014.

Análise de dados

Os dados obtidos nas revisões sistemáticas foram submetidos à análise de conteúdo temática proposta por Bardin (1997).

Resultados e Discussão

1. Revisão sistemática da literatura acadêmica e científica

O Quadro 1 apresenta a categorização dos 20 estudos selecionados da revisão sistemática realizada, com seus respectivos autores, ano de publicação, metodologia e temática do estudo.

Quadro 1

Caracterização dos artigos científicos analisados

Autores	Metodologia do estudo	Temática do estudo
Atkison (2009) Clegg e Butryn (2012) Daskalaki e Mould (2013) Guss (2011) Marshall (2010) Spapleton e Terrio (2012) Thorpe e Ahmad (2013)	Qualitativa Qualitativa Qualitativa Qualitativa Qualitativa Qualitativa Qualitativa	Implicações sociais
Cazenave (2007) Cazenave e Michel (2008) Merritt e Tharp (2013)	Quantitativa Quantitativa Quantitativa	Assunção de risco, narcisismo e autoestima
Ameel e Tani (2012a) Ameel e Tani (2012b) Liu et al. (2012)	Qualitativa Qualitativa Bibliográfica	Relações com o espaço urbano
Allende et al. (2013) McLean, Houshian e Pike (2006)	Qualitativa Qualitativa	Fraturas ortopédicas
Saville (2008)	Qualitativa	Emoções
Kidder (2013)	Qualitativa	Gênero
Archer (2010)	Análise cinematográfica	Representações do Parkour
Kidder (2012)	Bibliográfica	Relações com a tecnologia
Lebreton (2012)	Qualitativa	Desportivização

Conforme pode ser visto no Quadro 1, os estudos acadêmicos analisados têm explorado: as implicações sociais da prática do *Parkour* (F=7), a personalidade narcísica e o comportamento de risco (F=3), a apropriação e reformulação do espaço urbano (F=3), as lesões decorrentes do treino imprudente (F=2), as emoções na prática do *Parkour* (F=1), questões de gênero (F=1), a produção cinematográfica e as representações do *Parkour* (F=1), a influência das tecnologias (F=1) e o processo de desportivização (F=1). É relevante registrar que a maioria dos estudos encontrados pertencem ao campo da Sociologia, apenas 2 trabalhos são da área da Psicologia. O método utilizado é variável, contemplando pesquisas qualitativas, quantitativas e revisão bibliográfica.

2) Revisão sistemática de jornais eletrônicos “populares”

A Tabela 1 apresenta a distribuição das publicações por jornal eletrônico. Note-se que o Globo Esporte (F=11) foi o jornal que mais publicou sobre a temática, seguido dos jornais cariocas O Globo (N=7) e Extra Globo (N=6).

Tabela 1

Distribuição das publicações por Jornal eletrônico e Estado

Estado	Jornais/Frequência de Reportagens	Totais
Paraíba	Jornal da Paraíba (0); Paraíba Online (0)	0
Pernambuco	Folha PE (1); Diário de Pernambuco (2)	3
Rio Grande do Norte	Tribuna do Norte (0); Jornal de Hoje (1)	1
Piauí	Cidade Verde (0); Diário do Povo (0)	0
Alagoas	Gazeta de Alagoas (0); Extralagoas (0)	0
Bahia	Tribuna da Bahia (1); Correio (0)	1
Ceará	Diário do Nordeste (3); O Estado (0)	3
Maranhão	O imparcial (1); O Estado do MA (0)	1
Sergipe	Jornal da Cidade (2); Jornal do Dia (0)	2
Acre	O Rio Branco (0); AC 24hrs (0)	0
Amapá	Diário do Amapá (0); A Gazeta (0)	0
Amazonas	Em tempo (0); ORMNews (0)	0
Pará	Diário do Pará (2); Diário Online (1)	3
Rondônia	Rondoniagora (0); Rondoniaovivo (1)	1
Roraima	Jornal de Roraima (0); Folha BV (2)	2
Tocantins	Jornal do Tocantins (0); Conexão Tocantins (0)	0
Brasília	Correio Braziliense (3); Jornal de Brasília (0)	3
Goiás	O Popular (0); Jornal opção (0)	0
Mato Grosso	24hrs News (1); Gazeta Digital (0)	1
Mato Grosso do Sul	Correio do Estado (0); Folha do Povo (0)	0
Espírito Santo	Folha Vitória (2); Gazeta Online (0)	2
Minas Gerais	Uai (2); Estado de Minas (1)	3
Rio de Janeiro	Extra Globo (6); O Globo (7)	13
São Paulo	Folha de São Paulo (4); Estadão (3)	7
Paraná	Gazeta do Povo (5); Paraná Online (1)	6
Rio Grande do Sul	Diário de Santa Maria (1); Gazeta do Povo (0)	1
Santa Catarina	Diário Catarinense (1); Jornal de Santa Catarina (0)	1
Nacional	G1 (3); Globo Esporte (11); UOL Esporte (0); ESPN (0); Gazeta Esportiva (1)	15

O Quadro 2 revela os dados apreendidos das repostagens de Jornais disponíveis em mídia eletrônica, organizados por categorias temáticas, subcategorias e conteúdo abordado.

Quadro 2

Categorias, subcategorias e conteúdos abordados nas reportagens de jornais “populares” sobre a prática do *Parkour*

Categorias	Subcategorias	Conteúdos abordados
Fundamentos históricos	Filosofia de vida	O Parkour é considerado um estilo de vida que norteia as ações dos praticantes no cotidiano.
	Eficiência	Parkour consiste em mover-se de um ponto de modo rápido e eficiente, usando principalmente as habilidades do corpo humano.
	Terapia	Os praticantes exercitam a transferência dos desafios para outras esferas da vida a fim de superar os obstáculos cotidianos.
	Preservação da integridade física e do ambiente	Os praticantes respeitam os limites do corpo através de um treino prudente e seguro, que os possibilitam permanecerem na prática em longo prazo. O respeito ao ambiente onde treinam também é prioridade no Parkour.
	Caráter social	A prática é norteada pelo altruísmo que contribui para a formação do caráter dos praticantes.
	Esporte democrático	Atividade aberta, adaptável e convidativa com característica inclusiva.
	Comunidade	Apesar de ser uma prática individual, os tracers treinam em grupo, incentivados pelo princípio de cooperatividade.
Visão Contemporânea	Esporte arriscado e perigoso	Pela falta de equipamentos e apenas o uso do corpo para explorar o meio, existem concepções que relacionam o Parkour ao perigo.
	Super-heróis	Devido à representação do Parkour como uma prática perigosa e extraordinária, a mídia faz uma analogia dos praticantes com super-heróis.
	Competições	No Parkour não há competições, contudo muitos eventos são divulgados com essa proposta e exaltação de melhores atletas da modalidade no mundo.
	Mercantilização	O Parkour está sendo institucionalizado e mercantilizado através da abertura de academias, do estabelecimento de regras técnicas e da ampliação comercial de acessórios para a prática.
	Preconceito e discriminação	A falta de compreensão do que é o Parkour desencadeia preconceito e discriminação. Geralmente a prática é vista como transgressora e/ou vandalismo, com atos de depreciação do patrimônio público.

Conforme pode ser visto no Quadro 2, existem dois grandes grupos de reportagens: as que são fieis aos fundamentos históricos do *Parkour* e que ressaltam seu embasamento teórico, filosófico e social, bem como os benefícios relacionadas à prática desse esporte; e as que representam uma visão mais contemporânea do *Parkour*, embasadas em informações distorcidas por alguns recursos midiáticos promotores de preconceito, os quais supervalorizam a

competição, a institucionalização da prática e a difusão de uma imagem desvirtuada dos praticantes (super-heróis, vândalos, transgressores).

3) Entrelaçando saberes

Nessa seção será apresentada a articulação de algumas ideias apreendidas do conhecimento acadêmico científico e das produções midiáticas “populares” divulgadas na internet.

***Parkour* em conceitos e perspectivas**

O *Parkour* é concebido como esporte, disciplina, arte e subcultura urbana (Angel, 2011; Bavinton, 2007) praticado por jovens de diversas localidades do mundo e relacionado, em sua essência e concepção, à resistência ao ambiente sócio-técnico (Silva, Carvalho & Costa, 2011). Apoiando essa concepção, na pesquisa de Bavinton (2007), o *Parkour* foi representado pelos seus praticantes como esporte e disciplina.

Por outro lado, o *Parkour* também é definido como uma prática corporal radical ou de aventura para a obtenção de adrenalina e vertigem (Ameel & Tani, 2012a; Archer, 2010; McLean, Houshian & Pike, 2006). Para Guss (2011), *Parkour* associa virtuosismo físico, disciplina rigorosa, movimento espontâneo e uma imaginação espacial. Ainda, se concebe o *Parkour* como uma disciplina que adota a visão holística do corpo humano e utiliza elementos psicológicos e espirituais de filosofias orientais, enfatizando fluxo e harmonia, fundindo o movimento com o ambiente (Bavinton, 2007; Thibault, 2013).

Na perspectiva de Rowat (2013), o *Parkour* está associado à força (não só física), a resiliência, a capacidade de refletir, a confiança, a humildade e a utilidade às pessoas. Cazenave e Michel (2008) pontuam que as atividades esportivas como o *Parkour* podem agir como um apoio psicológico e social para aumentar a autoestima dos adolescentes e prevenir comportamentos antissociais. Diante dessas constatações, supõe-se que a prática do *Parkour* pode contribuir para o desenvolvimento da cooperatividade, do raciocínio e da consciência moral e da moralidade pós-convencional preconizada por Kohlberg (1992).

O equívoco produzido pelo desconhecimento

Apesar da sua popularidade não significa que o *Parkour* seja compreendido (Carvalho & Pereira, 2008). Parte da sociedade e da mídia desconhecem os princípios e os benefícios do *Parkour*. Os praticantes geralmente são apontados como “puladores de telhados e paredes” (Belle, 2009). Thief (2013) revela que anos atrás, essa prática era conhecida como fuga da polícia ou esquiva. Em reportagem de Diário do Nordeste (2014), os praticantes relatam que já foram chamados de ladrões, pichadores, macacos, entre outros termos. Os *tracers* sentem que são mal interpretados pelo público diante de suas ações consideradas destrutivas pela sociedade (Angel, 2011). Outro argumento contraproducente aponta o *Parkour* como um método de treinamento de assaltantes do futuro e que as habilidades desenvolvidas poderiam ser usadas de forma negativa. Essa ideologia é reforçada pelas obras cinematográficas que incorporaram o *Parkour* com a imagem de praticantes que invadem departamentos, infringem a lei e esquivam-se de policiais. Diante dessa representação, algumas pesquisas procuram investigar as formas em que o *Parkour* pode marginalizar pessoas, contudo não têm encontrado resultados significativos.

Para Ameel e Tani (2012b), muitas das reações negativas referentes ao *Parkour* são causadas pelo desconhecimento e falta de compreensão. A prática não oferece o potencial transgressor aos praticantes. Contra esses equívocos comuns, os praticantes expressam o *Parkour* como uma prática transformadora e os benefícios adquiridos com a disciplina, como confiança e autoestima, intimidaria qualquer motivação para ações negativas e transgressoras (Angel, 2011). Nas reportagens de SporTV (2011) e Globo Esporte (2012) os praticantes revelam que abandonaram as drogas e a rua para se dedicarem ao treinamento.

Neste sentido, todos os sujeitos inseridos no *Parkour* são instruídos a ajudar o próximo. Um exemplo são as ações para arrecadar dinheiro ou bens materiais para projetos sociais ou associações de pessoas em vulnerabilidade social (Correio Braziliense, 2010). Bombeiros de Paris também percebem a importância do esporte no resgate e salvamento de vítimas e o incluíram no treinamento de recrutas (SporTV, 2011).

De acordo com Angel (2011), o *Parkour* pode ser articulado em três vertentes: (1) um método de treinamento para superar obstáculos físicos; (2) um método de treinar a mente para superar dificuldades cotidianas; (3) uma maneira de expressão, cultivando a imaginação e gerando emoções. Essas características potencializam a prática e apontam sua relevância para aqueles que o praticam e os possíveis benefícios de sua implementação em determinados grupos sociais em situação de risco. No distrito de Westminster, em Londres, foi desenvolvido o projeto *Positive Futures*, que buscou no *Parkour* uma forma de reduzir o nível de crianças e adolescentes em situação de risco, retirando-os das ruas e oportunizando uma alternativa de lazer e atividade física embasada em uma filosofia de vida e bem-estar social (Simmonds, 2007). Na França, o grupo *Yamakasi* realizou aulas de *Parkour* dentro de penitenciárias, a fim de criar uma nova visão sobre a vida, mostrando as possibilidades de superação e evolução pessoal. No Brasil, também são incrementados projetos sociais que acreditam em uma sociedade desenvolvida com valores morais que podem ser ensinados pelo *Parkour*, como o projeto *Parkour Favela* em Belo Horizonte, realizado na comunidade do Morro das Pedras na tentativa de resgatar os adolescentes e jovens das drogas e da violência (Saut Guerrier Parkour, 2011), e o Projeto *Tracer* em Brasília, criado para atender a comunidade local que busca iniciar os treinos de *Parkour* (Hachi APFDF, 2010). Nota-se que dentro da disciplina, os praticantes são motivados a contribuir e participar de projetos e ações sociais com a parceria de órgãos públicos e privados e iniciativas que almejem um *Parkour* melhor para todos.

O espírito de comunidade

Apesar de ser uma prática individual, o *Parkour* agrega a cultura e a ideologia da comunidade entre os praticantes, através do interesse comum na disciplina (Angel, 2011). A prática sugere uma forma específica de coletividade, na qual cria uma comunidade que compartilha o desenvolvimento de sua arte e o espaço físico de sua prática, mas mantém a diferença entre seus adeptos. Apesar de usarem as mesmas técnicas e nuances de movimento, os *tracers* criam diferentes estéticas e vivências significativas. A pesquisa de Guss (2011) destaca que a criação coletiva constitui uma identidade de grupo, permitindo a cada

membro manter a sua individualidade, pois enquanto os praticantes aprendem as técnicas, a disciplina e a filosofia, cada um expressa o seu próprio estilo.

É notória, entre os praticantes do *Parkour*, a presença de um espírito de cooperação e unidade, (Angel, 2011; Guss, 2011) e a preocupação em compartilhar conhecimento com os novos praticantes (Australian Parkour Association, 2012). Existe, portanto, uma motivação em prol do autodesenvolvimento, do desenvolvimento interpessoal e em favor do bem-estar dos outros, tornando-se “forte para ser útil” (Clegg & Butryn, 2012).

Valores morais e habilidades sociais compartilhados pelo *Parkour*

O *Parkour* é descartado enquanto representação de entretenimento (Australian Parkour Association, 2012), pelo fato de seguir os princípios de auxílio mútuo e autoconhecimento. De acordo com Belle (2009), em uma situação emergencial os praticantes de *Parkour* seriam os primeiros a ajudar a salvar pessoas. Compaixão, altruísmo e empatia são características e habilidades importantes para o *tracer* que precisa ser trabalhado além dos saltos, por isso Perrière e Belle (2014) definem o *Parkour* como uma forma de construir e avançar em sociedade.

O companheirismo, a afetividade, o respeito mútuo, o altruísmo, a integração social, a responsabilidade, a convivência e a solidariedade são aspectos presentes no grupo, refletidos na partilha da água, nos gestos de apoio físico durante os treinos, nos ostensivos e repetidos aplausos pela superação dos medos ou perfeição de movimentos realizados, na convivência empática dentro e fora do grupo e no amparo físico ao colega que busca efetivar um movimento novo com risco maior de acidente (Andrade & Cunha, 2009; Silva, 2012; Silva et al., 2011).

Mulyana (2012) sugere um programa de educação dos valores morais na disciplina de Educação Física semelhante à dinâmica dos treinos coletivos de *Parkour*, que manifesta a demonstração e simulação de valores morais durante a prática. Para Weinberg e Gould (2001), a efetivação de uma educação moral é possível através de diálogos interiores e discussões em grupo sobre dilemas morais. No *Parkour*, essas discussões geralmente acontecem durante o treino, onde os *tracers* questionam e estimulam a reflexão acerca de atitudes dos

praticantes. Segundo Mehanna (2014), é dentro do contexto social e dos grupos que o indivíduo desenvolve suas potencialidades, inclusive sua moralidade.

Com frequência são realizados encontros regionais ou nacionais de *Parkour*. Esta experiência é muito enriquecedora para o *tracer* porque além de conhecer novos praticantes ou manter contato com outros já conhecidos, ele pode compartilhar pensamentos, inquietudes, aprendizagens e conhecer outras cidades - esta variedade arquitetônica repercute na exploração pessoal de seus próprios movimentos (González, 2013). Esses eventos também são importantes para o fortalecimento dos valores morais diante do que é compartilhado entre praticantes de diferentes culturas e regiões. Os encontros são considerados, por Angel (2011, p. 137), “a cola que une” os *tracers*, pois a amizade e o respeito mútuo, evidentes durante o evento, criam um aspecto de comunidade para o *Parkour* decorrente da filosofia inclusiva e progressiva do esporte.

Muitas associações defendem o poder do *Parkour* para melhorar a vida das pessoas. Para a *Parkour Generations* (2014),

O *Parkour* sempre teve em sua essência um forte senso de comunidade e responsabilidade social. Ser forte para ser útil, uma das máximas originais do *Parkour*, é tão verdadeira hoje como era quando foi fundado. Por que tornar-se forte, capaz e eficaz se você nunca usá-lo para ajudar os outros e melhorar o mundo ao seu redor? Nossa ideia é sempre partilhar a nossa formação e de estar a serviço sempre que possível, em qualquer escala, de ajudar alguém com a sua bagagem pesada para o lançamento de iniciativas ecológicas globais. (p. 1, tradução nossa)

O *Parkour* enquanto ferramenta de transformação moral e social

O *Parkour* representa um modo de regulação emocional eficaz tornando-se uma ferramenta terapêutica entre os jovens, equivalente a uma atitude fenomenológica como orientação para o mundo (Angel, 2011). Assim, as tensões do cotidiano encontram uma manifestação física para a liberação através do *Parkour* (Brown, 2007).

Em pesquisa de Silva, et al. (2011), os praticantes referem-se frequentemente às mudanças ocasionadas pela disciplina, avaliando a apreensão de parâmetros mais afirmativos de comportamento, evitando tensões familiares e

outros conflitos nos seus ambientes de convívio. Portanto, a disciplina proporciona mudanças sociais (Brown, 2007; Thibault, 2013). Para Vigroux (2013), *Parkour* é uma mentalidade, um estado de espírito, trata-se de uma prática que exerce influência na vida dos sujeitos. Lyng (2008) afirma que atividades como o *Parkour* representam mais do que uma resposta para as condições sociais, são também um processo para a busca de identidade, camaradagem e conexão emocional dentro de comunidades específicas.

Dentre as mudanças proporcionadas pelo *Parkour*, González (2013) destaca o autoconhecimento tanto mental quanto corporal, a força de vontade, a adesão à um estilo de vida saudável e um meio de afrontar os problemas diários. A superação ainda perdura como um dos valores morais mais preciosos do esporte (Silva & Rubio, 2003) e, dia após dia, os atletas convivem e têm a possibilidade de descobrir isso.

No estudo de Bavinton (2007), a maioria dos *tracers* entrevistados descrevem suas motivações para a prática como a diversão, a liberdade, a experiência do movimento fluido através do ambiente urbano e o desafio de liderar para o crescimento. González (2013) considera que o fator decisivo na prática continuada do *Parkour* é a motivação interna, devido às sensações proporcionadas como o bem-estar, a melhora pessoal, a tranquilidade e a autoestima. Este autor ainda destaca a potente carga emocional do esporte e esta é uma característica que o diferencia de outras modalidades, cujos praticantes buscam a própria superação e a conquista de seus objetivos. Essas sensações tornam o *Parkour* atrativo, desenvolvendo a autoconfiança e o autoconhecimento nos praticantes (Stramandinoli et al., 2012).

A responsabilidade social dos praticantes

O significado moral que o atleta atribuirá à prática esportiva será determinado pela forma como este é orientado, seja comprometendo e respeitando as regras, os participantes e as convenções sociais, seja adotando comportamentos ilícitos na busca pela vitória (Vissoci et al., 2008). Pesquisa de Guss (2011) e Cleeg e Butryn (2012) apontam que os *tracers* reconhecem que muitas vezes são concebidos por estereótipos negativos e vivenciam conflitos com polícias, instituições, empresas e proprietários de imóveis, portanto, os

comportamentos dos praticantes raramente são imprudentes, assim eles tendem a respeitar, medir e gerenciar suas ações e atitudes.

Para manter a boa imagem do *Parkour*, os *tracers* são propensos à educação e ao respeito, pois sendo uma disciplina jovem, é compromisso dos praticantes demonstrar maturidade e evitar problemas que possam surgir (Thibault, 2014). A pesquisa de Clegg e Butryn (2012) destaca que as ações do *tracer* refletem em toda a comunidade *Parkour*, logo, a interação respeitosa com o meio e com a sociedade são essenciais para a reputação do esporte como uma prática pacífica e responsável. Na publicação de Diário do Pará (2011), preservar o espaço é garantir que os praticantes continuem treinando nele, uma vez que o *Parkour* é uma força criativa, não destruidora.

A disciplina desperta a cidadania dos praticantes que ocupam áreas públicas e aprendem a valorizá-las como um bem que dependem para a sua prática (Stramandinoli et al., 2012). Diante de suas características, a prática contribui para a consciência e a formação de um senso de responsabilidade e confiança nos praticantes. Desse modo, o praticante pretende ser autossuficiente, forte, saudável, honesto, sincero, disciplinado, focalizado, criativo e útil para os outros (ADAPTQualifications, 2014).

Prática corporal acessível e aberta à inclusão social

O *Parkour* incentiva a afinidade com a diversidade, onde, por exemplo, treina o analista financeiro ao lado dos desempregados de dezessete anos de idade, o jovem ao lado do idoso, o profissional e o amador, o homem com a mulher, o mulçumano e o ateu (Angel, 2011). Por acolher a diferença e incentivar o respeito entre elas, o *Parkour* é identificado como um espaço específico em relação às diversas práticas corporais existentes.

A disciplina promove a ideologia de gênero participativa inclusiva. Além disso, mais recentemente, os grupos estão instituindo o treino para iniciantes no sentido de estimular os novos ingressantes e fortalecer a adesão à prática (Silva et al., 2011). Na perspectiva do desenvolvimento humano, essa inclusão social pode ser considerada como um princípio básico para que outros valores sociais possam ser desenvolvidos (Dacosta et al., 2007).

A relação não hierárquica e a dinâmica de grupo acessível tornam o *Parkour* atraente e único em comparação com outros esportes tradicionais ou estilos de vida (Clegg & Butryn, 2012). A população em geral pode praticar *Parkour*, independente de suas limitações físicas e mentais, e atribuir um sentido em suas vidas através das mudanças proporcionadas pela disciplina, a diferença é que alguns irão ter mais dificuldades que outros. Como o *Parkour* exige pouco em termos de equipamento ou custo, ele tem o potencial de se tornar uma atividade muito popular entre todos os segmentos da sociedade, especialmente entre jovens urbanos marginalizados (Brown, 2007).

Thorpe e Ahmad (2013) realizaram uma análise do desenvolvimento do *Parkour* em Gaza e relataram que o *Parkour* chegou nesta cidade palestina através do documentário *Jump London* (2003). Em um contexto cercado por obstáculos e bloqueios, os jovens descobriram que o *Parkour* é, para além de um esporte, uma filosofia de vida que encoraja cada indivíduo a superar os obstáculos em seu caminho, capaz de despertar um sentimento de esperança para o futuro. Para evitar conflitos com membros da família, residentes locais e a polícia, os membros do *Parkour* Gaza procuram espaços despovoados para treinar. G1 Rio Preto (2012) informa que as regras sociais conservadoras do território, controlado pelo Harnas, impedem que os únicos praticantes do *Parkour* Gaza treinem na rua. Então, eles se exercitam em um assentamento judeu abandonado.

As redes sociais onde os praticantes postam vídeos de treinos, como o *Facebook* e o *YouTube*, são espaços fundamentais de interação e diálogo com a juventude para além dos limites da faixa de Gaza. Esses espaços contribuem para a construção de respeito entre os praticantes de diferentes origens socioculturais, religiosas e/ou nacionais. Thorp e Ahmad (2013) identificaram que os vídeos criados pelo grupo *Parkour* Gaza recebem apoio do idioma árabe e inglês por colegas em todo o mundo e comentários de desejo de paz pelos praticantes israelenses.

Competição e mercantilização

As mudanças produzidas no ambiente esportivo ocorrem paralelas e inter-relacionadas com aquelas processadas na estrutura social refletindo suas

características, como a importância da quantificação, do registro dos números e da valorização dos primeiros colocados (Silva & Rubio, 2003). Nos últimos anos foi desenvolvida uma tendência de exibição e competição pelos praticantes e uma maior institucionalização do *Parkour* (González, 2013). O esporte foi criado para fins socializantes e de lazer, todavia ele vem sofrendo constantes modificações pela sociedade que o cria e o recria ao longo da história. Russell (2014) alerta duas principais reclamações sobre as competições: a primeira é que “o esporte competitivo naturalmente envolve motivações moralmente suspeitas ou malignas” (p. 07), a fim de promover a excelência; a segunda alegação é que o esporte competitivo contém em si um ideal corrupto de valor, e esta é uma fonte de problemas morais para o esporte e sua influência na sociedade.

Durante a difusão no mundo através da mídia de massa, surge na televisão programas que utilizam o *Parkour*, mas dessa vez em forma de competição (Lordêllo, 2011), emergindo fervorosos debates e o manifesto “*Pro Parkour, Against Competition*” (À favor do *Parkour*, contra competições), numa tentativa de manter a disciplina em sua originalidade. Embora os grupos exponham a imagem de um esporte competitivo, com suas demonstrações de virtuosismo atlético, o *Parkour* geralmente é praticado em um espírito de cooperação e não é um esporte de competição (Angel, 2011; Diário do Nordeste, 2014; Lordêllo, 2011; Guss, 2011). Trata-se de um treinamento para ser melhor, não o melhor (Belle, 2009). Em seu princípio “ser forte para ser útil”, a ideia é ser forte, para não ser o mais forte, mas ser forte a fim de ajudar os outros a crescerem (Thibault, 2013).

Para Vigroux (2013), há uma divisão no *Parkour* entre as raízes da disciplina e aquilo que hoje se difunde na mídia como sendo *Parkour*. Na atualidade, esta prática tem sido transformada em filmes e comerciais, e, gradativamente, tem se distanciado dos seus princípios iniciais preconizados pela disciplina. Essa apreciação estética do movimento é usada para vender sapatos, roupas, aparelhos digitais, jogos de vídeo e divulgar escolas de formação (Atkison, 2009; Spapleton & Terrio, 2012).

Alguns discursos podem conceber o *Parkour* como uma prática improdutiva, contudo para o *tracer* trata-se, parafraseando Angel (2011), da produção de uma identidade significativamente autêntica, uma obra-prima de

encontros e movimentos, um trabalho de vida que opera dentro de uma arquitetura de livre-arbítrio, de libertação e de criação.

Essencialmente, o *Parkour* foi idealizado através de valores não relacionados a consumo de bens materiais. A não competição assegura o respeito aos limites do corpo (Andrade & Cunha, 2009). Os *tracers*, quando são fieis aos princípios fundamentais do *Parkour*, valorizam a cooperação e rompem com a lógica competitiva do melhor, do mais forte, do mais veloz, tão impregnada em algumas modalidades esportivas, que refletem a própria forma de viver da sociedade contemporânea (Thibault, 2013).

Numa sociedade orientada para a competição, a formação não competitiva do *Parkour* é um diferencial. Neste cenário de busca pelo melhor, as competições são inevitáveis, mas o que é evitável é a banalização do termo *Parkour* e a deturpação de valores que estão atrelados à disciplina (Rocha, 2014). Por estes atributos, os estudos de Liu et al., (2012) e Spapleton e Terrio (2012) apontam que o *Parkour* pode ajudar o sujeito a compreender, a perceber e a movimentar-se na fase contemporânea da cultura capitalista global.

No *Parkour* não há a preocupação primordial com a formação de atletas, mas sim de cidadãos críticos e participativos. A exposição ao risco através de um treinamento imprudente, a busca por aplausos, visibilidade e competição não fazem parte da verdadeira disciplina. De acordo com Brandão (2013), *Parkour* é sinônimo de seres humanos melhores e tudo aquilo que não seguir essa lógica merece ser questionado e descartado.

Considerações finais

O resultado desta pesquisa revela que, ao contrário de informações difundidas por alguns veículos midiáticos que associam o *Parkour* à imagem contraproducente e competições, o *Parkour* possui em sua essência um forte senso de comunidade e responsabilidade social, em consonância com sua máxima original: “ser forte para ser útil”.

A pesquisa realizada nos textos acadêmicos junto às reportagens publicadas em jornais divulgados na internet mostrou-se um recurso interessante para sistematizar as imagens que estão sendo difundidas sobre o *Parkour*. O diferencial deste estudo foi a possibilidade de não apenas considerar as

publicações acadêmicas no Brasil e no mundo, mas também o que tem sido disseminado naquilo que se denominou de mídia “popular”. Ao contrário do que era esperado pelas autoras do estudo, não é exclusivamente a mídia “popular” que contribui para a difusão de imagens distorcidas dos princípios fundamentais do *Parkour*, como também alguns trabalhos realizados na academia.

Por fim, considera-se pertinente apontar alguns estudos que poderão ser construídos com intuito de aprofundar algumas reflexões aqui levantadas. Sugere-se que sejam realizadas pesquisas futuras que investiguem as representações que os praticantes possuem de sua prática, com a discussão de temas como identidade, coletividade, moralidade, gênero, dentre outras, bem como as representações que a população, de um modo geral, possui acerca dessa atividade esportiva. Também, declara-se relevante investigar de que forma os princípios morais são internalizados pelos praticantes do *Parkour*. Por fim, sugere-se que projetos sociais, voltados para esta prática, sejam realizados em contextos de vulnerabilidade social.

Referências

- ADAPTQualifications. (2014). *Qualification Introduction*. Recuperado em 30 outubro, 2014, de <http://adaptqualifications.com>
- Allende, A. V., Torre, A. C., Cuervo, S. M., & Galán, C. R. (2013). Parkour: una nueva causa de lesiones internas graves a new cause of serious internal injury. *Anales de Pediatría*, 79(6), pp. 396-403.
- Ameel, L., & Tani, S. (2012a). Everyday aesthetics in action: Parkour eyes and the beauty of concrete walls. *Emotion, Space and Society*, 5, pp. 164-173.
- Ameel, L., & Tani, S. (2012b). Parkour: creating loose spaces?. *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 94(1), pp. 17–30.
- Andrade, L. I., & Cunha, F. P. (2009). *Esportes Urbanos em João Pessoa*. (Relatório final, Projeto de extensão). João Pessoa/PB: Universidade Federal da Paraíba.
- Angel, J. M. (2011). Cine Parkour: a cinematic and theoretical contribution to the understanding of the practice of parkour. *Doctoral Dissertation*, Screen Media Research Centre, Brunel University, Brighton, Inglaterra.
- Archer, N. (2010). Virtual poaching and altered space: reading parkour in french visual culture. *Modern & Contemporary France*, 18(1), pp. 93–107.

Atkinson, M. (2009). Parkour, anarcho-environmentalism, and poiesis. *Journal of Sport & Social Issues*, 33(2), pp. 169-194.

Australian Parkour Association. (2012). *What is parkour?* Brief description. Recuperado em 07 outubro, 2014, de www.parkour.asn.au

Bavinton, N. (2007). From obstacle to opportunity: Parkour, leisure, and the reinterpretation of constraints. *Annals of Leisure Reserach*, 10(3), pp. 391-412.

Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Belle, D. (2009). *Parkour*. França: Entrevista.

Bernaule, J. (2012). *Valores en la actividad física y el deporte*. Boletín REDAF, 27, pp. 1-23. Recuperado em 27 junho, 2014, de <http://cedoc.infed.edu.ar>

Brandão, A. (2013, 24 de dezembro). A verdadeira competição do Parkour. *De cima do muro*. Recuperado em 05 novembro, 2014, de <http://decimadomuro.com.br/a-verdadeira-competicao-do-parkour>

Brown, N. (2007). *Parkour Generations: training, resources and comunity*. Recuperado em 22 agosto, 2014, de http://www.aughty.org/pdf/art_of_displacement.pdf

Clegg, J. L., & Butryn, T. M. (2012). An existential phenomenological examination of parkour an freerunning. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(3), pp. 320–340.

Cazenave, N., & Michel, G. (2008). Conduites à risques et variation de l'estime de soi chez les adolescents: l'exemple du parkour. *Annales Médico-Psychologiques*, 166, pp. 875–881.

Carvalho, R. G.; Pereira, A. L. (2008). Percursos alternativos: o Parkour enquanto fenómeno (sub)cultural. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8(3), pp. 427-440.

Correio Braziliense. (2010, 03 de março). Britânico planeja percorrer mais de 1,6 mil km no estilo parkour, Brasília. Recuperado em 15 setembro, 2014, de http://www.bbc.co.uk/portuguese/lg/noticias/2010/03/100303_parkour_ukparis_nf.shtml

Dacosta, L. P., Miragaya, A., Gomes, M., & Turini, M. (2007). *Manual valores do Esporte*. Brasília: Departamento Nacional, SESI.

Daskalaki, M., & Mould, O. (2013). Beyond urban subcultures: urban subversions as rhizomatic social formations. *International Journal of Urban and Regional Research*, 37(1), pp. 1-18.

Diário do Nordeste. (2014, 02 de fevereiro). A cidade como playground. Ceará/BR. Recuperado em 12 setembro, 2014, de <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/jogada/a-cidade-como-playground-1.802811>

Diário do Pará. (2011, 13 de fevereiro). Tracers reinventam trilhas por Belém. Pará/BR. Recuperado em 11, setembro, 2014, de <http://www.diarioonline.com.br/noticia-134855-tracers-reinventam-trilhas-por-belem.html>

Fagundes, M. B. (2000). *Aprendendo valores éticos*. Belo Horizonte: Autêntica.

Globo esporte. (2012, 13 de junho). Jovens praticam Le Parkour em Rondônia desde 2008. Rondônia/BR. Recuperado em 12 setembro, 2014, de <http://globoesporte.globo.com/ro/noticia/2012/06/jovens-praticam-le-parkour-em-rondonia-desde-2008.html>

González, R. C. (2013). Parkour: del origen a la actualidad desde una perspectiva de género. *Trabalho fin de grão*, Ciências da actividade física e do deporte, Universidade da Coruña, Galícia, Espanha.

Guss, N. (2011). Parkour and the multitude: politics of a dangerous art. *French Cultural Studies*, 22(1), pp. 73–85.

G1 Rio Preto. (2012, 07 de março). Vídeo em homenagem a Rio Preto mistura Parkour e pontos turísticos. São Paulo/BR. Recuperado em 12 setembro, 2014, de <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2012/03/video-em-homenagem-rio-preto-mistura-parkour-e-pontos-turisticos.html>

HACHI Associação de Parkour & Freerunning do Distrito Federal. (2010). *Projeto tracer: escolhendo o melhor caminho*. Recuperado em 05 novembro, 2014, de <http://hachiapfdf.blogspot.com.br/p/projeto-tracer.html>

Hornich, L. M., & Broto, F. O. (Orgs.). (2013). *Valores no esporte*. (Cadernos de referência de esporte). Brasília: Fundação Vale, UNESCO.

Kidder, J. L. (2012). Parkour, the affective appropriation of urban space, and the real/virtual dialectic. *City & Community*, 11(3), pp. 229-253.

Kidder, J. L. (2013). Parkour, masculinity, and the city. *Sociology of Sport Journal*, 30, pp. 1-23.

Kohlberg, L. (1992). *Psicología del desarrollo moral*. Bilbao, Spain: Desclée de Brouwer.

Lebreton, F., Routier, G., Heas, S., & Bodin, D. (2010). La sportification du Parkour et du street golf comme médiation culturelle. *Revue canadienne de sociologie*, 47(3), pp. 293-317.

Liu, L., Yin, K., Panne, M., & Guo, B. (2012). Terrain Runner: Control, Parameterization, Composition, and Planning for Highly Dynamic Motions. *ACM Transactions on Graphics*, 31(6), pp. 1-9.

Lordêllo, A. F. (2011). Abordagem histórico-crítica do parkour, seu processo de expansão e realidade na cidade de Salvador/BA. *Monografia*, Especialização em

Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Lyng, S. (2008). Risk-taking in sport: edgework and reflexive community. In.: White, K., & Atkinson, M. (Eds.). *Tribal play: subcultural journeys through sport*. Bingley, UK: JAI Press, pp. 83-109.

Marshall, B. (2010). Running across the rooves of empire: Parkour and the postcolonial city. *Modern & Contemporary France*, 18(2), pp. 157–173.

McLean, C. R., Houshian, S., & Pike, J. (2006). Paediatric fractures sustained in Parkour (freerunning). *Injury*, 37, pp. 795-797.

Mehanna, A. (2014). *Desenvolvimento de Valores Morais, Éticos e Científicos na Educação*. Recuperado em 10 junho, 2014, de www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/512-4.pdf

Mulyana, S. (2012). Moral Implementation through Physical and Sports Education for Olympics. *Conference New Perspective in Science Education*, Florence, Italy.

Parkour Generations. (2014). *O que é Parkour Generations?*. Recuperado em 30 outubro, 2014, de <http://parkourgenerations.com/company>

Perrière, C., & Belle, D. (2014). *Des origine à la pratique Parkour*. França: Amphora.

Rehbein, I. F. S. (2013) Proposta metodológica para ensino de parkour. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Bacharelado em Educação Física, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.

Rocha, D. (2014, 6 de novembro). Uma análise crítica (e bilateral) sobre competições no Parkour. *De cima do muro*. Disponível em <<http://decimadomuro.com.br/uma-analise-critica-sobre-competicoes-parkour>>.

Rowat, C. B. (2013). 50 Ways To Be and To Last in Parkour: Part 1 - Training The Body. *Power is Nothing Without Control*. Recuperado em 18 junho, 2014, de <http://blane-parkour.blogspot.com.br>

Russell, J. S. (2014). Competitive Sport, Moral Development and Peace. In.: Torres, C. R. (Ed.). *The Bloomsbury Companion to the Philosophy of Sport*. New York: Bloomsbury Publishing.

Sanmartín, M. G. (1998). Desarrollo de valores en la educación física y el deporte. *Educación Física y Deportes*, 51, pp. 100-108.

Saut Guerrier Parkour (2011). *Parkour favela*. Recuperado em 05 novembro, 2014, de <http://sautguerrier-parkour.blogspot.com.br/p/parkour-favela.html>

Saville, S. J. (2008). Playing with fear: Parkour and the mobility of emotion. *Social & Cultural Geography*, 9(8), pp. 891-914.

Silva, M. L., & Rubio, K. (2003). Superação no esporte: limites individuais ou sociais?. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3(3), pp. 69–76.

Silva, T. M. B., Costa, A. M., & Carvalho, J. L. F. (2011). Resistência ao consumo em um circuito urbano de Parkour. *Comunicação, mídia e consumo*, 8(22), pp. 119-146.

Silva, V. (2012). Coletivos juvenis e Parkour no Brasil: percursos interculturais e Identidades. *Revista TOMO*, 21, pp. 63-99.

Simmonds, P. (2007, April 24). In practice: Jump Westminster, Positive Futures. *Children and Young People Now*, London, UK. Recuperado em 26 outubro, 2014, de <http://www.cypnow.co.uk/ypn/news/1066240/in-practice-jump-westminster-positive-futures>

Soares, C. L. (2003). Georges Hébert e o Método Natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 25(1), pp. 21-39.

SporTV. (2011, 18 de julho). Praças de Portugal se transformam em cenários para prática do parkour. *Globo Esporte*. Disponível em <<http://sportv.globo.com/site/programas/zona-de-impacto/noticia/2011/07/pracas-de-portugal-se-transformam-em-cenarios-para-pratica-do-parkour.html>>.

Stapleton, S., & Terrio, S. (2012). Le Parkour: urban street culture and the commoditization of male youth expression. *International Migration*, 50(6), pp. 18-27.

Stovitz, S. D., & Satin, D. J. (2004). Ethics and the athlete: why sports are more than a game but less than a war. *Clinics in Sports Medicine*, 23, pp. 215– 225.

Stramandinoli, A. L. M., Remonte, J. G., & Marchetti, P. H. (2012). Parkour: história e conceitos da modalidade. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 11(2), pp. 13-25

Taille, Y. L. (2010). Moral e Ética: uma leitura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, pp. 105-114.

Thibault, V. (2014). *Parkour and the art du déplacement: strength, dignity, community*. Montréal, Canadá: Baraka Books.

Thief, S. (2012). *Intro to Parkour: guide compilation*. Recuperado em 08 outubro, 2014, de <http://nightops.net>

Trepas, D. (1995). La educación en valores a través de la iniciación deportiva. In.: Sánchez, D. B. (org.). *La iniciación deportiva y el deporte escolar*. Barcelona: INDE, pp. 95-112.

Thorpe, H., & Ahmad, N. (2013). Youth, action sports and political agency in the Middle East: lessons from a grassroots parkour group in Gaza. *International Review for the Sociology of Sport*, pp. 1–27.

Vigroux, S. (2013). The split. *Parkour Generations Ásia*. Recuperado em 20 junho, 2014, de <http://pkgasia.com/split-stephane-vigroux>

Vissoci, J. R. N., Vieira, L. F., Oliviera, L. P., & Vieira, J. L. L. (2008). Motivação e atributos morais no esporte. *Revista de Educação Física da UEM*, 19(2), pp. 173-182.

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.